

OS MUITOS PERFUMES DO MESTRE: *DEPOIMENTOS*

The Master's Many Scents: Testimonies

CÉLIA REGINA GONÇALVES MARINELLI
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) – SP
celiamarinelli@yahoo.com.br

ELMA JÚLIA GONÇALVES DE CARVALHO
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
elmajulia@hotmail.com

JAMISSE TAIMO
Ministério da Ciência e Tecnologia – Moçambique
jata@sapo.mz

JOSÉ CARLOS ROTHEN
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
jcr3219@yahoo.com.br

ROBSON LOUREIRO
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
robbsonn@uol.com.br

NELSON CARDOSO AMARAL
Universidade Federal de Goiás (UFG)
nelsoncardosoamaral@gmail.com

SANDRA SOARES DELLA FONTE
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
sdellafonte@uol.com.br

SUELI MAZZILLI
sueli.mazzilli@terra.com.br

VALDEMIR PIRES
Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – Araraquara, SP
vapires@terra.com.br

RESUMO A comissão organizadora *do Dossiê Valdemar Sguissardi* solicitou a alguns de seus ex-orientandos depoimentos sobre sua atuação como professor e orientador. Sandra Soares Della Fonte e Robson Loureiro (ambos da UFES, Vitória, ES), mestres em 1996, na Unimep; Sueli Mazzilli (Santos, SP), doutora em 1996, na UFSCar; Nelson Cardoso Amaral (UFG, Goiânia, GO), doutor em 2002, na Unimep; Valdemir Pires (Unesp/Araraquara,

SP), doutor em 2003, na Unimep; José Carlos Rothen (UFSCar/São Carlos, SP), doutor em 2004, na Unimep; Elma Júlia Gonçalves de Carvalho (UEM, Maringá, PR), doutora em 2005, na Unimep; Célia Regina Gonçalves Marinelli (Campinas, SP), doutora em 2010, na Unimep; e Jamisse Uilson Taimo (Maputo, Moçambique), doutor em 2010, na Unimep – todos se sentiram honrados com o convite e atenderam-no. As manifestações a seguir expressam o reconhecimento e a gratidão de todos eles ao mestre inesquecível.

Palavras-chave DEPOIMENTOS, RECONHECIMENTO, GRATIDÃO.

ABSTRACT The organizing committee of this Dossier Valdemar Sguissardi requested from some of his former Graduate students to give testimonies about his work as a Professor and an Advisor. Sandra Soares Della Fonte and Robson Loureiro (both from UFES, Vitória, ES), with a Masters degree from Unimep (1996); Sueli Mazzilli (Santos, SP), PhD from UFSCar (1996); Nelson Cardoso Amaral (UFG, Goiânia, GO), PhD from Unimep (2002); Valdemir Pires (Unesp/Araraquara, SP), PhD from Unimep (2003); José Carlos Rothen (UFSCar/São Carlos, SP), PhD from Unimep (2004); Elma Júlia Gonçalves de Carvalho (UEM, Maringá, PR), PhD from Unimep (2005); Célia Regina Gonçalves Marinelli (Campinas, SP), PhD from Unimep (2010); and Jamisse Uilson Taimo (Maputo, Moçambique), PhD from Unimep (2010) – they all felt honored by the invitation and accepted it. The following manifestations express their recognition and gratitude to this unforgettable master.

Keywords TESTIMONIES, RECOGNITION, GRATITUDE.

OS MUITOS PERFUMES DO MESTRE

SANDRA SOARES DELLA FONTE
ROBSON LOUREIRO

O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
(Fernando Pessoa)

Mas, quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.
(Marcel Proust)

Tantos mestres já passaram por nossas vidas... Mas, quando somos chamados a homenagear um, o louvor exige que se reconheça no mestre em apreço alguma distinção. O que o destaca de tantos outros?

Endereçar uma honraria a Valdemar Sguissardi não foge à regra de enaltecer seus méritos (que não são poucos). Contudo, em tão poucas linhas, optamos por um caminho

desviante. Longe de ser mera apologia, o louvor que ora se segue pretende ser muito mais um agradecimento, a manifestação de gratidão pelos anos de convivência.

Em nosso primeiro encontro, Valdemar já estava aposentado pela UFSCar e trabalhava na Unimep. Éramos jovens recém-chegados a Piracicaba, em 1993, em condições objetivas um tanto quanto precárias, na ânsia de fazer um curso de especialização (*lato sensu*) em Filosofia da Educação. O referido curso não aconteceu. Para compensar o abandono do trabalho e da vida em terras capixabas, a instituição (Unimep) ofereceu-nos a possibilidade de cursar (na condição de alunos extraordinários) uma disciplina no mestrado. Uma lista nos foi apresentada e uma palavra selou a escolha: “Esse professor aqui discute mais ideologia”. O que pode ter sido pronunciado sutilmente em tom depreciativo foi ouvido com festejo. Lá fomos nós para a primeira aula da disciplina Filosofia da Educação, em agosto de 1993, ministrada por Valdemar.

Em meio a uma turma intensa, mas não muito grande, era possível perceber: sim, o mestre se perfumava! A experiência aromática, como qualquer outra experiência sensível, requer proximidade e contato. Por vezes, Valdemar usava um perfume suave e, por isso, muito discreto. Em outros momentos, exalava um aroma forte e intenso do qual não se tinha como fugir.

Na primeira aula, Valdemar tinha cheiro de livros... Levou vários para o nosso encontro. Tateou cada um com carinho e nos apresentou. Destacou um: *A ideologia alemã*. Como em um confessionário, sussurrou, talvez mais para si do que para nós, ao olhar aquelas páginas riscadas: quanto mais lia essa obra, mais descobria coisas novas que antes não percebera. Ao término da aula, tínhamos uma certeza: sim, ele tinha cheiro de marxista! Aquela que nos orientara na escolha das disciplinas não ousou pronunciar esse odor, mas já sentira sua emanção nos corredores da Unimep. Saímos dançantes desse encontro. Sem ter noção, de fato, do significado que isso ganharia, olhamos um para o outro com alegria: tínhamos escolhido o professor certo!

Quando nos tornamos alunos regulares do mestrado em Educação da Unimep, em 1994, Valdemar exalava perfumes variados. Perfume de generosidade, muitas vezes disfarçado de qualquer coisa que não indicasse uma evidente ajuda. Perfume de paciência com o jeito afoito e, por vezes, impaciente de militar politicamente desse jovem casal. Perfume de inteireza de quem consegue articular a intervenção intelectual e a militância política, sem diluir quaisquer desses aromas no outro e também sem os transformar em mistura repugnante.

Quando, enfim, sentimos no Valdemar o perfume de orientador (quando ele também nos escolheu), um enxame de aromas passou a nos acompanhar. Desde então, Valdemar tem perfume de dedicação, de churrasco, de vinho, tem fragrância de rigor acadêmico, de baile da Anped, perfume de Pira e de Floripa, cheiro dos pampas, perfume de filosofia, cheiro de causos e piadas, aroma de amigo e encontros, odor de criticidade permanente. As várias orientações eram casadas, sempre, com boa música, bons causos, conversas que não ficavam no cotidiano da academia. Às vezes uma pizza, outras, uma culinária mais sofisticada. Mas, nunca deixaram de ser orientações acadêmicas. A *senha* de entrada para o universo *sguissardiano* é uma só, apenas uma: amizade regada a bom vinho. E, para ele,

o bom vinho não é o mais caro, mas, sim, aquele que se bebe acompanhado dos amigos. Por isso, as orientações sempre transcendiam o meramente acadêmico. Aliás, o acadêmico, para Valdemar, diz respeito a esse *espalhar o perfume da vida* na academia.

Contudo, em todos esses anos de convivência e admiração, o mais desafiante de todos os aromas tem sido o *perfume do vazio*. Para se chegar perto disso que essa sensação remete, lembramos aqui de um relato específico. Em seu discurso de agradecimento à homenagem feita em decorrência do recebimento do título de *Doutor Honoris Causa* em Filosofia, concedido pela Universidade de Paris VIII, Marilena Chauí recorda seus mestres. Em determinado momento, registra:

Com Bento Prado aprendi o sentido de uma existência filosófica docente formadora, pois com ele aprendi que há ensino filosófico quando o professor não se interpõe entre o estudante e o saber e quando o estudante se torna capaz de uma busca tal que, ao seu término, ele também queira que o lugar do saber permaneça vazio. Há ensino filosófico quando o estudante também se tornou professor porque o professor não é senão o signo de uma busca infinita, aberta a todos.¹

Valdemar tem cheiro de “lugar vazio”, convite permanente ao exercício da autonomia. Mesmo a distância, ele se faz próximo. Por isso, Valdemar não é apenas o dono de muitos perfumes, o perfumado; é também *perfumante*. Sorte a nossa e de todos aqueles que fizeram e fazem parte da vida desse querido gaúcho cosmopolita, pois seu *cheiro de lugar vazio*, ainda que distante, continuará a nos impregnar do seu perfume mais marcante: a amizade. Obrigado e parabéns por todas as merecidas homenagens.

Vitória, ES, outubro de 2011.

VINTE ANOS DE CONVÍVIO COM VALDEMAR SGUISSARDI

SUELI MAZZILLI²

“Narrar um pouco de sua experiência formativa com o mestre Valdemar Sguissardi.” Foi este o convite que recebi da comissão que organizou o presente *Dossiê*. Ao tentar desenhando os contornos deste depoimento, constato que minha “experiência formativa” com Valdemar extrapola os limites do acadêmico, pois se forjou em interfaces que se integram e interagem até hoje: o orientador, o amigo, o intelectual e o colega de trabalho.

Após cursar o mestrado em Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1992, passei a integrar a primeira turma de doutorado na área de Metodologia do Ensino, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tendo Valdemar como meu orientador.

¹ CHAUI, M. A filosofia como vocação para a liberdade. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 7-15, dez. 2003. p. 12.

² MAZZILLI, S. *Ensino, pesquisa e extensão: uma associação contraditória*. 1996. Tese (Doutorado) - São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo.

Na época, eu ministrava módulos de “Metodologia do Ensino Superior” em cursos de especialização, que visavam à formação de professores para o ensino superior. Ao mesmo tempo, participava do movimento docente, que tinha no “Projeto da Andes para a universidade brasileira” seu referencial conceitual. Como um dos pilares deste projeto era a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como critério para uma universidade socialmente referenciada, ao tentar adotar este princípio como referência para uma pedagogia universitária, foco dos módulos que ministrava, descobri que não havia produção teórica sobre o tema que sustentasse essa expectativa. Embora se tratando de uma exigência constitucional, incorporada aos planos institucionais das universidades brasileiras, era como se fosse um código, uma palavra de ordem, que todos usavam, mas ninguém explicava em que consistia e como se praticava. Optei, então, por investigar este tema no meu doutorado.

Desde o início de minha orientação, Valdemar questionou a inclusão da extensão como função da universidade por entender, como outros teóricos à época, que ela estava contida na pesquisa. Como eu não compreendia assim, insisti em manter o estudo do tema com as três funções. Então aprendi com ele minha primeira grande lição: Valdemar acatou com respeito minha argumentação, mesmo retornando a seus argumentos durante as sessões de orientação, o que exigiu de mim cada vez mais solidez para defender meu ponto

de vista. Essa postura de meu orientador ensinou-me que competência, exigência, rigor e convicções teóricas não impedem o convívio com a diversidade de pensamento, uma lição que procurei incorporar à minha atuação como orientadora. Curiosamente, foi o exercício desta função que me levou, tempos depois, a fazer um pós-doutorado tendo como objeto de investigação o papel do orientador de dissertações e teses.³ Valdemar, um dos sujeitos dessa pesquisa, ao discorrer sobre o tema, formula exatamente o que, no meu entendimento, marca seu perfil como orientador: *Fazer com que o orientando sinta-se orgulhoso de sua produção e apenas parcialmente devedor da orientação pode ser um bom critério para definir uma orientação bem-sucedida.*

Enquanto eu cursava meu doutorado, Valdemar aposentou-se na UFSCar e passou a integrar o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Com sua mudança para Piracicaba nosso convívio, até então restrito à vida acadêmica, ganhou novos contornos: Valdemar adotou minha churrasqueira como sua, ensinou-me muitas coisas sobre churrascos e vinhos, tornou-se um grande amigo que esteve comigo, presença solidária, partilhada inclusive no momento mais difícil de minha vida e em outras tantas chegadas e partidas.

Tão logo concluí meu doutorado, como professora da Unimep, fui convidada por Valdemar a participar de seu grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unimep. Esta participação possibilitou que eu viesse, posteriormente, a integrar o PPGE como professora, pesquisadora e orientadora, ao lado de renomados pesquisadores da área da Educação. Do ponto de vista profissional foi um grande aprendizado o convívio

³ MAZZILLI, S. *Orientação de dissertações e teses: em que consiste?* Araraquara/Brasília: Junqueira & Marin/Capes, 2009.

com pares experientes. Com Valdemar, particularmente, naquele Colegiado aprendi muito sobre o papel de avaliação e de controle da Capes no sistema de pós-graduação no Brasil.

Foi nesse tempo que pude acompanhar, no cotidiano, como as ideias que revolviavam seu intelecto eram processadas e transformadas em intrigantes textos. Qual não foi minha surpresa e contentamento quando ele passou a me enviar seus textos para comentários antes da publicação... e quando me convidou, pela primeira vez, para integrar bancas de seus orientandos!

Sua prática de valorizar e impulsionar seus discípulos na vida acadêmica, no entanto, não se restringiu ao nosso ambiente de trabalho. Em inúmeras situações Valdemar valeu-se da grande respeitabilidade de que gozava no mundo acadêmico para inserir-me em grupos de pesquisadores, buscando sempre oportunidades para que eu pudesse socializar minha produção, coisa difícil para pesquisadores iniciantes. Com seu aval, por exemplo, passei a integrar o Grupo de Trabalho Educação Superior da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), ao qual estou vinculada até hoje.

São 20 anos de convívio. Só não somos mais colegas de trabalho. Mas ainda é ao intelectual, ao orientador e ao amigo que recorro para pedir pareceres sobre meus textos, pedir conselhos, partilhar momentos felizes e outros nem tanto. E ele está sempre presente, com disponibilidade e afeto.

Minha experiência formativa com Valdemar, portanto, não se restringe ao que aprendi com ele como intelectual: é um aprendizado de vida, com alguém que ama a vida e as pessoas que cruzam seu caminho.

Obrigada, meu querido amigo, por você existir!

Santos, dezembro de 2011.

VALDEMAR SGUISSARDI: COORDENADOR, PROFESSOR, ORIENTADOR E AMIGO

NELSON CARDOSO AMARAL⁴ (UFG)

Era a década de 1990, e um dirigente institucional – vice-reitor de uma universidade federal – recebe o telefonema de um professor da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e coordenador de um grupo de trabalho da Anped interessado em que esse dirigente apresentasse um minicurso sobre financiamento da educação superior na reunião anual da Associação. Inocentemente, esse dirigente aceita o convite sem ter ideia da dimensão do evento e sem saber que aquele ato alteraria os rumos do resto de sua vida acadêmica e pessoal. Chegando lá, encontra uma pessoa vibrante, crítica, interessada na ligação entre academia e gestão institucional, querendo esmiuçar cada detalhe do financiamento das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) e, cheio de entusiasmo, estimula o dirigente a se envolver cada vez mais com esse campo de estudo educacional.

⁴ AMARAL, N. C. *Estado e financiamento universitário: o fundo público federal e a educação superior no Brasil (1989-2001)*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

O tempo passou, e o dirigente, com formação inicial em Física, apresenta-se em 2000, na Unimep, para ser orientado por esse professor em seu doutoramento em Educação. Com grande insegurança e cheio de dúvidas, principalmente pela formação inicial em Ciências Exatas, o desenrolar do estudo apresentava-se, para ele, como um enorme desafio; o primeiro deles, os textos dos autores, que eram totalmente desconhecidos. O choque foi amenizado pelo estudo de diversos clássicos, estratégia do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Unimep, o que permitiu um embasamento mais seguro nesse mundo belo e, até então, desconhecido.

O ex-dirigente encontra em seu orientador uma pessoa tranquila, segura, agradavelmente presente em diversos momentos acadêmicos e não acadêmicos, como nas aulas, nas orientações, nas conversas durante o almoço na Fazendinha, na escolha de um bom vinho, nos churrascos *aparamentados* por trajes gaúchos, nas reuniões da Anped e em eventos promovidos pelo PPGE da Unimep.

Vem o período árduo de elaboração do estudo de tese e, aí, o orientando se depara com o rigor acadêmico-intelectual do professor que, acolhedor e paciente, procura colocar uma tensão entre a vertente de gestor e de acadêmico de seu orientando; inúmeros eram os exemplos que ilustravam a necessidade de que o lado acadêmico precisava se fazer presente, e prevalecer, em uma tese de doutorado. Evidentemente que era desenvolvida, ali, uma estratégia que objetivava não só qualificar mais um doutor, mas a formação de um pesquisador na área da educação que pudesse ter autonomia de análise e um olhar crítico sobre os caminhos das políticas educacionais implementadas no País.

Passada uma década das pesquisas do doutorado, permanece uma grande aproximação e afinidade entre o ex-orientando e o orientador, que enche de alegria os reencontros de estudos e de eventos, as visitas residenciais e os passeios inesquecíveis, que representam momentos de intensa aprendizagem para o ex-dirigente e ex-orientando (Nelson Cardoso Amaral) e o coordenador, professor, orientador e depois, amigo, Valdemar Sguissardi, a quem presto aqui minhas homenagens, com respeito e admiração.

Goiânia, dezembro de 2011.

AO MESTRE, COM ADMIRAÇÃO E CARINHO

*VALDEMIR PIRES (UNESP, ARARAQUARA)*⁵

Valdemar Sguissardi é um nome consagrado entre os estudiosos da Educação. Mas isso nem ele, nem ninguém, precisa dizer, pois basta consultar uma boa biblioteca ou referências de numerosas teses e dissertações. Suas pesquisas e publicações juntam-se às suas frequentes intervenções orais em eventos e comissões acadêmicos e com frequência atingem outras áreas de atuação (a de formulação de políticas públicas, por exemplo), sempre contribuindo para a compreensão teórica e histórica dos temas e problemas educacionais, subsidiando a adoção de melhores práticas.

⁵ PIRES, V. *Economia da educação e política educacional: elos fortes; consistência fraca*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

Todos que o conhecem podem dar seu testemunho de que se trata de um profissional completo do mundo do ensino, da pesquisa e da extensão universitária. Atuou com vigor incomum, por muitos anos, em salas de aula de cursos de graduação; lecionou e orientou com brilho em programas de pós-graduação; atua (e também coordena) com incomum eficiência em muitos e variados projetos de pesquisa; é consultor e parecerista de órgãos de fomento, editoras, periódicos e associações científicas. Não há, enfim, um só tópico da vida acadêmica com o qual Valdemar Sguissardi não tenha se envolvido ao longo de sua trajetória profissional. Ele foi, inclusive, destacadamente, gestor acadêmico e liderança do movimento docente.

Quem conviveu ou convive com Valdemar Sguissardi como colega de trabalho não terá que fazer nenhum esforço para lembrar-se de exemplos de sua integridade ética e moral e de seu valor militante em defesa de causas educacionais e sociais. Trata-se de um articulador e construtor de propostas, de um agregador de pessoas, de um motivador de vontades nobres. Suas falas e conversas formais e informais têm sempre duas marcas profundas: nunca se prestam a denegrir terceiros (a palavra canalha, por exemplo, tão cultuada no ambiente de vaidades e rancores das universidades, parece jamais ter sido pronunciada por ele...); e contêm referências históricas, em nível de detalhe, com frequência, fruto de uma memória prodigiosa e, sobretudo, de um apreço pelos fatos bem compreendidos como elementos constitutivos das conclusões científicas válidas.

Se o passado bem analisado e entendido é, para Valdemar Sguissardi, um alicerce sólido e necessário (se lhe tirarem este piso, talvez o gaúcho voe, mas, não sei... melhor não tentar...), o presente é o seu *habitat* (o gaúcho faz questão de viver o e no seu tempo) e o futuro, seu objeto permanente de preocupação: “o mundo melhor e a vida plena estão logo ali; vamos caminhar em direção a eles; cessemos de desviar”, parece a mensagem de vida deste pesquisador-sonhador.

Quem teve ou tem o privilégio de poder dizer-se amigo de Valdemar Sguissardi é dono de um tesouro: desfruta do imenso prazer de conversas, debates e bate-papos que mesclam inteligência, perspicácia, apetite inovador, mas também (e tudo junto e misturado) sensibilidade, delicadeza, gentileza e muito, muito, mas muito amor à vida e às suas delícias, como “causos” contados (de homem cosmopolita que não perde a condição de gaúcho típico), vinhos, churrascos (ele tem pós-doutorado no assunto...), música, dança, viagens... Conviver com Valdemar é não distinguir mais entre a porta da casa dele e a da sala de aula, do gabinete de pesquisa ou da biblioteca: tudo se torna um mundo só, de cultura e convivência. Não se distingue entre o homem e o profissional e não decorre daí nenhuma confusão de papéis, funções ou tarefas. Só existe um Valdemar Sguissardi, pleno, inteiro, disponível para causas e reflexões. Singular, ele ensina e orienta sem que se perceba que o faz; trata a todos como portadores de capacidades e talentos semelhantes aos seus, deixando em segundo plano os diferentes acúmulos e habilidades, e vai tecendo, tecendo, conduzindo sem empurrar ou apressar.

A este meu Mestre (com maiúscula e na acepção de George Steiner⁶) agradeço por ter sido muito mais que meu orientador no doutorado. Agradeço por ele ser quem é e por ter dividido um pouco desta fortuna comigo.

Araraquara, dezembro de 2011.

⁶ STEINER, G. *Lições dos Mestres*. São Paulo: Record, 2005.

ORIENTAÇÃO PARA SEMPRE!

JOSÉ CARLOS ROTHEN⁷ (UFSCAR)

Início a narração de minha experiência formativa com o mestre Valdemar olhando para o resultado mais visível desta experiência de orientação: minha tese de doutorado. Ao folheá-la tenho duas grandes certezas: a primeira é que a tese é minha; a segunda é que ela só tem as qualidades por ter sido orientada pelo Valdemar. Posso ter estas duas certezas pelo fato de ter recebido uma orientação que conciliava, com rara felicidade, o profundo respeito à liberdade intelectual e a presença contínua, apontando os caminhos nas encruzilhadas, lendo, corrigindo e discutindo cada palavra escrita.

Revido os quatro anos de doutorado, no qual convivemos mais intensamente, e todos os anos que se seguiram, posso dizer que Valdemar é uma daquelas pessoas que ensinam pelo exemplo. Cito um: nunca o ouvi dizer a um orientando que deveria publicar os resultados das pesquisas, mas seus orientandos normalmente têm uma dinâmica de publicação contínua. Creio eu que isto seja resultado de seu exemplo de intelectual que publica muito sem ser produtivista. Vejo o exemplo da publicação como resultado natural daquele que se dedica à pesquisa e não como “produto” que temos de elaborar a qualquer custo para atender às agências de financiamento.

Não resisto e cito outro exemplo marcante: o que significa ser intelectual e agente político? Com o exemplo do Valdemar aprendi que a pesquisa e seus resultados não são realizados com o objetivo de construir armas para a luta política. São diagnósticos da realidade que devem ser elaborados com rigor acadêmico; não o formalismo, mas repito, o rigor. Então o intelectual tem de ser apolítico? Não! Seu exemplo me ensinou que o intelectual deve estar envolvido nas lutas de seu tempo, elaborar propostas e defendê-las. Aprendi que o intelectual envolvido com seu tempo não é aquele que transforma sua produção científica em panfletos, mas, sim, aquele que consegue entender que no momento da pesquisa o que conta é o rigor, a seriedade e a busca da verdade; neste momento deve abster-se de elaborar propostas, mas na hora da luta utiliza-se de todo o seu conhecimento para elaborá-las. Espero ter aprendido a lição do equilíbrio sobre o fio da navalha que separa o intelectual do político.

A orientação não terminou com a defesa da tese de doutorado. Nos diversos momentos em que recorro, solicitando algum tipo de orientação, lá está Valdemar, sempre disposto a ler meus textos e apontar caminhos nas encruzilhadas da vida acadêmica.

Resumo minha experiência como orientando em duas palavras: liberdade e presença. Terminando lamentando não ter aprendido a fazer o bom churrasco gaúcho que animava nossas confraternizações no tempo de Unimep.

São Carlos, dezembro de 2011.

⁷ ROTHEN, J. C. *Funcionário intelectual do Estado: um estudo de epistemologia política do Conselho Federal de Educação*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/ Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM O PROF. VALDEMAR SGUISSARDI

ELMA JÚLIA GONÇALVES DE CARVALHO⁸ (UEM)

Quando recebi o convite da revista *Comunicações* para narrar minha experiência formativa com o Prof. Valdemar Sguissardi, lembrei-me de uma conversa que tivemos, logo após minha defesa, sobre o papel do orientador e decidi falar sobre esse aspecto de sua atividade acadêmica.

Ao me inscrever para a seleção de doutorado no Programa de Pós-Graduação da Unimep, interessei-me por ser sua orientanda. Embora meu projeto contemplasse a gestão da educação básica e suas pesquisas estivessem direcionadas para o ensino superior, conhecendo seus textos, entendi que encontraria grande respaldo em sua perspectiva teórica. Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação, além do privilégio de compartilhar de seus conhecimentos como aluna e orientanda, descobri que ele tinha outras qualidades acadêmicas.

Como optei por falar de suas qualidades como orientador, vou mencionar algumas atitudes nas quais essas qualidades se manifestaram.

Creio ser importante relatar que meu projeto de pesquisa tinha como objeto a relação entre democratização e privatização na gestão da educação básica no contexto das reformas educacionais dos anos 1990. Hoje essa questão é frequentemente abordada nas discussões sobre a educação, particularmente sobre a gestão da educação, mas, naquele momento, estudá-la era um desafio, porque o processo de reformas de caráter neoliberal e, ao mesmo tempo, de forte defesa da democracia por parte dos educadores estava se iniciando. Minha hipótese era de que democratização e privatização seriam dois lados de uma mesma moeda, ou seja, dois polos aparentemente incompatíveis, mas solidamente complementares, cuja associação impregnava a formulação da política educacional. No entanto, eu não sabia como desenvolvê-la, comprová-la, nem se poderia, e o Prof. Valdemar, atencioso, orientava, discutia comigo, sugeria leituras e colocava-me em contato com aportes teórico-metodológicos, de maneira a me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa e na comprovação de uma hipótese, à época, tão controversa.

Devo mencionar também a atitude de respeito do Prof. Valdemar. Embora ele primasse pelo rigor científico e fosse bastante criterioso em suas orientações, para que eu buscasse evitar distorções e apropriações inadequadas das fontes, em nenhum momento senti que a tese fosse sua e, sim, de fato, minha. Ele desempenhou realmente o papel de orientador, qual seja, orientar. Em nenhum momento ele sugeriu a mudança de meu objeto de estudo ou de minha hipótese ou tentou dar o “tom” à discussão.

Em sua orientação segura e serena, própria dos grandes mestres, ou seja, daqueles que possuem experiência e sabedoria, ele ofereceu conhecimentos, fundamentais para a elaboração de uma pesquisa científica e, sobretudo, confiança para enfrentar os percalços e

⁸ CARVALHO, E. J. G. *Autonomia da gestão escolar: democratização e privatização, duas faces de uma mesma moeda*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

seguir em frente. Também me fez voar mais alto, instigando-me a ir além do que eu havia imaginado. Por exemplo, incentivou-me a cursar o “doutorado sanduíche” na Universidade do Minho. Essa experiência foi fundamental para minha formação, pois o contato com os professores e pesquisadores portugueses, especialmente com o Prof. Licínio Lima, auxiliou-me a amadurecer e a encontrar elementos de consistência para minhas análises. Imagino que, tendo feito o curso de doutorado fora do Brasil, o Prof. Valdemar não apenas sabe da importância de uma experiência ímpar como essa, como também incentiva seus orientandos a vivenciá-la. Devo-lhe muito por isso.

Cabe dizer que, ao nos defrontar com os enormes desafios da pesquisa em Educação nos dias de hoje, somos levados a repensar o papel reservado à pesquisa e à orientação. Conceder autonomia ao orientando e, ao mesmo tempo, evitar o relativismo, a espontaneidade e o subjetivismo é, certamente, um dos maiores desafios reservados aos orientadores que almejam assegurar a objetividade do conhecimento. Esse cuidado sempre esteve presente nas orientações desse mestre.

Por fim, quero frisar que alguns educadores marcam profundamente a formação de seus alunos e o Prof. Valdemar decerto é um deles. Quando entrei para o Programa de Pós-Graduação da Unimep, era ele o orientador que eu desejava ter e, hoje, dando meus primeiros passos como orientadora na pós-graduação, penso que é ele o orientador que eu gostaria de ser.

Maringá, PR, dezembro de 2011.

DR. VALDEMAR SGUISSARDI, MEU ORIENTADOR

CÉLIA REGINA GONÇALVES MARINELLI⁹

Minha passagem pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep teve mais de um aspecto especial. Eis a oportunidade para destacar um deles nesse momento em que a Universidade e o Programa decidiram, com extrema justiça, homenagear o Prof. Dr. Valdemar Sguissardi, meu orientador (custa-me usar a expressão ex-orientador), ser humano ímpar, íntegro, ético e coerente; professor, pesquisador efetiva e verdadeiramente preocupado com as questões e desafios colocados à educação superior em nosso país, responsável por uma significativa e relevante produção acadêmica. Sinto-me honrada por poder participar dessa merecida homenagem.

Fui sua última orientanda no doutorado. Depois de 32 dissertações e 17 teses orientadas, contabilizadas no currículo Lattes, depois de uma produção significativa de livros, capítulos de livros e artigos, Prof. Valdemar resolveu que chegara o tempo de parar. Ou, como quero acreditar, “dar um tempo”, diminuir o ritmo, pois ainda continua aqui e ali a participar de eventos educacionais. Ingressei no Programa em 2007 e nosso primeiro contato deu-se durante o processo seletivo, quando foi um dos membros da banca na fase da en-

⁹ MARINELLI, C. R. G. *Programa Universidade para Todos: aspectos da cidadania fragmentada*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

trevista. E já naquele primeiro contato fiquei impressionada com as perguntas que fez sobre minha vida acadêmica e, principalmente, sobre o projeto de pesquisa que apresentei como exigência do processo. A conexão foi imediata. Quando soube que seria meu orientador, fiquei absolutamente feliz. Quando soube que seria sua última orientanda, fiquei preocupada. Senti que teria o compromisso de apresentar um bom trabalho para que o professor pudesse colocar com tranquilidade um ponto final em um ciclo de sua vida profissional.

E minha tarefa foi certamente facilitada não apenas pela altíssima qualidade acadêmica dos professores do Programa, mas principalmente porque encontrei na pessoa do professor Valdemar um acolhimento verdadeiramente sincero e interessado. Pude conviver por quatro anos com um profissional acessível e dedicado. Disse, no dia da defesa, que minha tese foi fundamentalmente construída a partir das disciplinas que cursei no Programa. Se cada um de meus professores tivesse a oportunidade de lê-la, identificaria as contribuições de suas aulas, dos autores e livros discutidos. Professor Valdemar leu e releu criteriosamente cada capítulo que escrevi e os discuti comigo. Mas talvez não tenha se dado conta do quanto suas aulas foram preciosas, do quanto nossas conversas nas sessões de orientação, ou fora delas, me abriram perspectivas para o tratamento das questões propostas na investigação, do quanto suas indicações bibliográficas, relatos de seus próprios trabalhos, concepções de mundo e sobre a educação superior no Brasil foram essenciais para o desenvolvimento de minha tese.

Curvei duas disciplinas sob a responsabilidade do professor Valdemar. A primeira, *Teoria do Estado e da Educação*, no primeiro semestre de 2007, e a segunda *Epistemologia e Educação II*, essa em parceria com a Profa. Dra. Roseli P. Schnetzler, no segundo semestre daquele mesmo ano. *Teoria do Estado e da Educação* propiciou a oportunidade de ler, refletir e discutir os vários conceitos de Estado e de política social ou de como a concepção de Estado interfere no delineamento das políticas sociais e em seu espectro de intervenção. Aportes necessários para discussão sobre a efetividade das políticas públicas focalizadas, tão em voga atualmente, em sua pretensão de promover a ampliação do acesso à educação superior no mesmo modelo de sociedade que tem inviabilizado a universalização e que tem promovido a democratização pela via da iniciativa privado-mercantil, tema que abordei em minha tese. Na bibliografia da disciplina (Marx, Adam Smith, Locke, Rousseau, Luzuriaga), obras que souberam envelhecer e por isso merecem a rubrica de clássicos, além de autores contemporâneos como Francisco de Oliveira, Gaudêncio Frigotto e Adam Przeworski e suas percepções argutas sobre o modo de constituição e esfacelamento do estado do bem-estar social e a retomada neoliberal e a conseqüente mercantilização dos direitos sociais. A disciplina *Epistemologia e Educação II*, por sua vez, oportunizou a leitura e a discussão de obras importantes sobre educação, seu papel na constituição social do homem e sobre a educação no Brasil, a partir do pensamento de autores como Comênio, John Dewey, Anísio Teixeira, Jorge Nagle, Demerval Saviani e Pierre Bourdieu, entre outros. Uma tese não se constrói sozinha; a minha é prova irrefutável desse fato!

Tive a oportunidade de participar, juntamente com alguns colegas de turma, sob a coordenação da Profa. Dra. Roseli Schnetzler e do professor Dr. Cleiton de Oliveira, da

produção de um livro sobre o processo de orientação de teses e dissertações em Educação.¹⁰ Em dado momento, quando avaliamos a construção de nosso trabalho, afirmei que a orientação poderia ser um processo mais intenso de aprender a ser pesquisador e de aprender a ser orientador, algo capaz de conferir à relação pedagógica mais qualidade, tanto acadêmica quanto social. Meu para sempre e irrenunciável orientador, Prof. Valdemar Sguissardi, propiciou-me viver essa intensidade. As marcas desse aprendizado estão inexoravelmente inscritas na construção de minha trajetória acadêmica e pessoal.

Campinas, dezembro de 2011.

ACERTOS, ENCONTROS, PARTILHA DE CONHECIMENTO E GRANDE AMIZADE

JAMISSE UILSON TAIMO¹¹

Os organizadores da homenagem ao Prof. Valdemar escolheram-me como um daqueles que deveriam dar um depoimento em virtude de ter sido seu orientando no Curso de Doutorado em Educação na Unimep, no período de 2006 a 2010. Senti-me honrado, mas, ao mesmo tempo, surgiram algumas perguntas como: Por que eu? O que dizer? No fundo desenhava-se um desafio que ia entre contar nosso primeiro contacto até o dia em que nos despedimos, após o término de meus estudos em Piracicaba.

Quem tem a oportunidade de conviver com o Professor Valdemar aprende muito não só em termos de valores humanos, de conhecimento científico e cultural. A pessoa aprende a reforçar o sentido de pertença, de fazer parte de um território, de ser sujeito que atua permanentemente para a construção de um mundo cada vez melhor. Uma construção que se dá tanto por lutas políticas, estudo científico e pelo sentido de quem constantemente repudia ser engolido pelo injusto sistema econômico e financeiro internacional.

O primeiro contacto com o Prof. Valdemar deu-se por meio eletrônico, quando recebi da Coordenação do PPGE a informação de que tinha sido aceito para fazer o doutorado e que ele seria meu orientador.

Fiquei feliz porque a grande motivação que me levou à Unimep foi o desejo de poder desenvolver a minha pesquisa sob a sua orientação. Eu tinha tido a oportunidade de ler um de seus livros, escrito em parceria com João dos Reis Júnior, de ouvir o testemunho do Prof. Bruno Pucci, quando era o coordenador do PPGE, além de ter recebido múltiplas referências, como o GURU, que discute o ensino superior na atualidade no Brasil. A leitura que eu fizera do texto dele que avaliava as políticas do Banco Mundial na esfera do ensino superior havia me convencido de quão rica poderia ser a convivência com esta figura. E de fato foi muito boa!

Entre as leituras de textos originais clássicos, tais como Marx e Engels, John Locke, Rousseau, e até de autores dos nossos dias, foi-se desenrolando uma relação que se

¹⁰ SCHNETZLER, R. P.; OLIVEIRA, C. (Orgs.) *Orientadores em foco. O processo da orientação de teses e dissertações em educação*. Brasília: Liber Livros, 2010.

¹¹ TAIMO, J. U *Ensino superior em Moçambique: história, política e gestão*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/ Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo.

consolidava à medida que as discussões teóricas sobre a matéria aconteciam, pois a preocupação de fazer as discussões teóricas ligadas a uma realidade concreta era uma constante. Na qualidade de estudante estrangeiro, eu procurava constantemente ver, à luz de meu país, Moçambique, à luz de minha experiência, de minhas utopias, a riqueza que ele trazia para ajudar-me na construção do meu país.

Eu vinha de uma situação complexa, pois há mais de vinte anos tinha feito o mestrado em Educação. Era reitor e fazia mais trabalhos políticos e administrativos, por isso só lia documentos que faziam parte da burocracia; já não escrevia trabalhos científicos havia muitos anos. Lembro-me do primeiro dia em que ensaiei entregar a primeira resenha. Foi uma tortura angustiante; ensaiei entregar e hesitei, mas acabei entregando porque não tinha alternativa. Na Unimep, ele tinha fama de ser um professor muito exigente, que não deixava passar nada; as pessoas admiravam o fato de eu ser orientando dele. O tempo foi passando, fomos convivendo e uma relação muito especial foi crescendo entre nós.

O processo de orientação foi impressionante!

De um sujeito tímido, cheio de meias-palavras com o professor (porque assim eu tinha aprendido do colonialismo português), fui dialogando com meu orientador, ora na sala dele, na universidade, ora em sua casa e até no restaurante. Esta dinâmica e os locais onde ia acontecendo a orientação permitiram que aos poucos eu fosse ganhando a coragem e segurança para escrever (com dificuldades, sem dúvidas) e para expor minhas ideias mesmo que de forma truncada. Imaginem só, vindo de um país colonizado por Portugal, onde a ideia de que escrever difícil e falar complicado revela maior conhecimento e, quiçá, conquista o respeito pelo doutor. Isso poderia ter me sufocado (é verdade que eu também não tenho jeito para escrever difícil). Em nosso diálogo constante ele reafirmava a necessidade de escrever para os outros entenderem, escrever simples, mas com profundidade, o conteúdo a transmitir. Aliás, quem tem a oportunidade de ler os textos do Prof. Valdemar percebe a forma simples mas profunda com que explana suas ideias.

Já tinha ouvido muitos dizerem que a introdução deve ser escrita no fim, porque já se tem o panorama do que se escreveu. Num desses dias, depois do encontro habitual para informar as leituras que eu já tinha conseguido fazer sob sua indicação, ele me disse para eu começar a escrever a Introdução de minha tese. Levei um susto, mas como *bom aluno*, não podia questionar o professor. Fui embora em pânico, indignado por ele ter me mandado escrever a introdução de uma tese que ainda não existia. Revisitando as notas que eu tinha tomado durante nossas conversas, minhas leituras, meus questionamentos, o que eu queria com a minha pesquisa, enfim, entendi as razões que o levaram a indicar que eu começasse a escrever a introdução. Foi o acender de uma luz.

Ao longo do processo de orientação fomos criando códigos de comunicação para podermos nos entender durante a troca dos textos a serem corrigidos. Assim, escolhemos algumas cores e demos significados a elas para facilitar nossa comunicação. Por exemplo, se o texto estivesse em amarelo eu já sabia que tinha sido corrigido e aceito.

Vale a pena ressaltar que o Prof. Valdemar era rápido na leitura e nos comentários aos textos que eu enviava. Estava sempre disponível para conversar sobre o desenvolvimento

do trabalho. Sua orientação não era impositiva, mas dialogante. No fim sempre deixava o ônus ao orientando, já que era ele o autor. Ele encorajava o orientando – neste caso eu – a não ter medo de afirmar, discutir no texto questões relevantes, mas com respeito por aqueles que têm opinião diferente da nossa. Eu, por ter sido um dos sujeitos de algumas leis que constituíam a minha análise, não estabelecia claramente os limites. Ele pacientemente dizia: “Sua tese deve ser lida também por seus opositores”. Grande lição!

Churrascos, política, caril de amendoim...

No meio de discussões científicas ou acadêmicas sobrava sempre o tempo para um churrasco à maneira gaúcha, com o toque especial *a la Valdemar*.

Temas como produtivismo acadêmico e modelo Capes de avaliação, a mercantilização do ensino superior, a internacionalização do ensino superior estão presentes nas pesquisas do Prof. Valdemar. A discussão acontecia tanto na sala de aula, nos artigos que incansavelmente produzia e me mandava ler, assim como nos momentos ditos atípicos, em que ele preparava o churrasco, fosse em Florianópolis ou nos encontros entres os amigos em Piracicaba. Nestes momentos, sempre havia o desejo de entender como determinadas coisas eram feitas em meu país (Moçambique). Foi nesse procurar saber como determinadas coisas eram em Moçambique que me ofereci para fazer um prato moçambicano (Caril de amendoim) que foi intercalado entres os pratos “chiques” do exímio mestre de cozinha Prof. César Romero. Assim nos encontrávamos para, entre outras coisas, falar da política de nossos países, da educação e de outros assuntos relevantes.

O depoimento que deixo aqui demonstra claramente que o modelo de orientação adotado pelo Prof. Valdemar permitiu que eu adquirisse conhecimento mais abrangente na medida em que ele, em momentos formais e informais, abria espaço para falarmos de assuntos relacionados à minha pesquisa. Também a forma dialogante, de deixar o orientando articular suas ideias e discutir, na forma de sugestão, o caminho a percorrer, foi determinante para que eu ganhasse confiança para a elaboração da tese.

Não gostaria de terminar este depoimento sem me referir aos momentos finais da elaboração da tese, quando era necessário fazer acertos. O estresse tomou conta de mim. Com sua longa experiência de orientador e grande generosidade, ele se apercebeu disso e funcionou como meu terapeuta. Trouxe para nossos diálogos experiências de orientandos que tinham estado na mesma situação e como a haviam superado, além de contar a sua própria experiência. Levou-me para espairecer duas vezes em sua casa em Florianópolis onde consegui ganhar novo ânimo e força para finalizar a tese.

Assim é o Prof. Valdemar Sguissardi: um orientador extremamente competente, um grande amigo, uma pessoa generosa, sensível, um cidadão do mundo com grande sentido de justiça e solidariedade e sempre disponível a partilhar seus conhecimentos e suas qualidades com todos. Além, claro, de ser um *grande churrasqueiro!*

Maputo, Moçambique, Dezembro de 2011.

Dados dos Autores

CÉLIA REGINA GONÇALVES MARINELLI

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

ELMA JÚLIA GONÇALVES DE CARVALHO

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

JAMISSE TAIMO

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

jata@sapo.mz

JOSÉ CARLOS ROTHEN

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

ROBSON LOUREIRO

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

NELSON CARDOSO AMARAL

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

SANDRA SOARES DELLA FONTE

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

SUELI MAZZILLI

Doutora em Educação – UFSCar E Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

VALDEMIR PIRES

Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

Submetido em 5/3/2012

Aprovado em 4/4/2012